

## SCHOPENHAUER, EDUCADOR EXTEMPORÂNEO DE NIETZSCHE

David Rogério Costa de Lima\*

**Resumo:** O presente artigo aborda como tema central a importância do exemplo de Schopenhauer para o pensamento de juventude de Nietzsche, expresso mais propriamente em sua terceira consideração extemporânea: *Schopenhauer como educador*. Numa época decadente, onde a educação está a serviço do Estado e do mercado, é somente através do exemplo de grandes homens que nós podemos nos conectar a um ideal e um objetivo superior para a educação e a cultura. Nietzsche traz o exemplo de Schopenhauer, um homem heroico, autêntico e intempestivo, um exemplo digno de ser seguido e um verdadeiro educador.

**Palavras-Chave:** Schopenhauer. Educação. Cultura. Gênio. Extemporâneo.

## SCHOPENHAUER, UNTIMELY EDUCATOR OF NIETZSCHE

**Abstract:** This article addresses as central theme the importance of Schopenhauer's example for Nietzsche's thought of youth, expressed more accurately in his third untimely meditation: *Schopenhauer as an educator*. In a decadent age, where education is at the service of the State and the market, it is only through the example of great men that we can connect to an ideal and a higher goal for education and culture. Nietzsche brings the example of Schopenhauer, a heroic, authentic and untimely man, an example worthy of being followed and a true educator.

**Keywords:** Schopenhauer. Education. Culture. Genius. Untimely.

### Introdução

Nietzsche escreveu o texto *Schopenhauer como Educador*<sup>176</sup> em 1874, numa época em que se encontrava na primeira fase de pensamento, onde ainda havia uma forte influência da metafísica do gênio e do artista (influência de Schopenhauer e Wagner). De fato, um dos principais argumentos que Nietzsche traz no texto é a determinação da cultura pela natureza, uma significação metafísica que só pode ser alcançada através dos homens superiores, ou seja, do gênio. *Schopenhauer como Educador* é o terceiro de uma série de quatro textos que Nietzsche chamou de

---

\* Graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando em filosofia pela mesma instituição com linha de pesquisa em Ética e Estética. E-mail: davidrdelima@hotmail.com.

<sup>176</sup> Para a citação desta obra seguimos a abreviatura UB/CoEx-III: *Unzeitgemäße Betrachtungen III: Schopenhauer als Erzieher* /Terceira consideração extemporânea: *Schopenhauer como Educador*.

*Considerações extemporâneas*, como o próprio nome já supõe, esses textos voltam-se contra seu tempo e seus valores e, principalmente, contra tudo o que nesse tempo, impede de formar os grandes homens. Um escrito extemporâneo é, portanto, aquele que se pretende não como obra e filho de seu tempo, mas como aquele que pretende expurgar de si mesmo, tudo aquilo que, no seu tempo, o impede de “se tornar o que se é”, ou seja, um rompimento no processo de identificação do sujeito com as ideias dominantes de uma época.

A falta de um modelo moral e ilustre era mais um ponto que incomodava Nietzsche até então, já que a Ciência, abstração inumana segundo ele, é que havia tomado a responsabilidade de educar os homens daquela época. Um formalismo puro tomou o lugar nas escolas e Universidades, e a virtude se tornou apenas uma palavra vazia, da qual se ri.

Em meio ao ambiente universitário, aparece para Nietzsche, Arthur Schopenhauer. E foi justamente a honestidade de Schopenhauer que lhe chamou atenção, em um ambiente em que os intelectuais pareciam mais deleitar-se e regozijar-se perante seus escritos como narciso diante de um espelho. Escritos esses que esbanjavam de paradoxos e meios artificiais de retórica. Schopenhauer, longe disso, parecia escrever para si mesmo, o que lhe atribuía, pelo menos à primeira vista, uma certa credibilidade, havia na sua fala algo de paterno. Ele conseguia ser elegante sem imitar o estilo francês, científico, mas não pedante como os alemães.

Foi sobretudo a vida de Schopenhauer que chamou a atenção de Nietzsche. Distante de qualquer compromisso para com o Estado, a Religião e a Universidade, assumindo para si o “heroísmo da verdade”, ele tornou-se o exemplo a ser seguido para se alcançar o ideal de homem superior. Revestido de verdadeira honestidade [*Ehrlichkeit*], serenidade [*Heiterkeit*] e constância [*Beständigkeit*], Schopenhauer torna-se o perfeito educador para aqueles que perseguem o objetivo que é a formação de gênio. E o esforço de Nietzsche é demonstrar que este ideal realmente educa.

## **O estilo e o exemplo de Schopenhauer.**

Em sua obra *Schopenhauer como Educador*, Nietzsche revela que em sua

juventude, quando se colocava a pensar sobre a árdua tarefa de educar-se a si mesmo e o desejo de encontrar um filósofo que o livrasse desta tarefa, já sabia o que esperar de um educador e quais atributos ele deveria possuir. O educador que Nietzsche esperava seria aquele que, não somente saberia encontrar a força central, o ponto mais forte de um aluno, mas também saberia agir para que essa força não destruísse todas as outras. Dessa forma, o educador não deveria ser adepto de nenhuma das duas máximas de educação mais comuns naquela época, uma que dizia que a tarefa do educador é tão somente saber distinguir o ponto mais forte de um aluno, para então trabalhar para que este único ponto, em detrimento das outras forças e virtudes, seja levado à perfeição; e outra que exigia que o educador cultivasse de forma igualitária todas as forças de um aluno, fazendo nascer entre elas uma relação de harmonia. Portanto, em vez de usar mão unicamente de uma máxima em detrimento da outra, o educador deveria encontrar um modo de equilíbrio entre as duas. Sobre essa relação de forças, Nietzsche chega a usar a metáfora de um sistema solar “[...] eu imaginava que sua tarefa educativa consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, e em descobrir a lei de sua mecânica superior” (UB/CoEx – III § 2, p.168).

O encontro de Nietzsche com Schopenhauer, que se deu somente através de seus escritos, suscitou no primeiro a certeza de ter encontrado aquele educador com quem sonhava, aquele em que poderia confiar e que certamente iria ler cada página escrita por ele. Nietzsche nomeia as três características de Schopenhauer que imediatamente lhe chamaram a atenção, e a primeira é a honestidade [*Ehrlichkeit*]. Os escritos medíocres estão cheios de paradoxos, em sua necessidade de convencer e afirmar-se. Schopenhauer, por outro lado, nunca se importou em ser conhecido, para Nietzsche, ele escrevia como quem escreve para si mesmo ou, então, para um leitor muito íntimo, como um filho por exemplo. Nisso, Schopenhauer se distingue inteiramente dos eruditos. E se a moda entre os alemães era imitar a elegância dos escritores franceses, o espírito ríspido e rude de Schopenhauer aprendeu a desprezá-la. Seu estilo só encontra semelhante, entre os alemães, em Goethe: “pois ele pretende dizer o que é profundo simplesmente, o que é comovente sem retórica, o que é estritamente científico sem pedantismo; e com que alemão se poderia aprender isto?” (UB/CoEx - III § 2, p.172).

A segunda característica de Schopenhauer de que vamos tratar é a serenidade [*Heiterkeit*]. É preciso, no entanto, distinguir a serenidade dos pensadores medíocres e a serenidade do verdadeiro pensador, que persiste em qualquer estado de espírito. O pensador medíocre não percebe sequer as dores do mundo e os monstros que ele combate, criando a ilusão de possuir uma vitória sobre eles, no entanto, só pode haver verdadeira serenidade quando há uma verdadeira vitória:

O verdadeiro pensador se alegra e fica sereno sempre, quer ele fale seriamente ou gracieje, quer ele exprima sua perspicácia humana ou sua divina indulgência; isto, sem gestos aflitos, sem mãos trêmulas, sem olhares sufocados, mas com segurança e simplicidade, com coragem e vigor, talvez com algo de cavalheiresco e duro, mas sempre como vencedor. (UB/CoEx – III § 2, p.173-4).

E é justamente esse estar sempre sereno a terceira característica de Schopenhauer que mais chamou a atenção de Nietzsche, ou seja, a sua constância [*Beständigkeit*]. Esses três elementos que tanto impressionaram Nietzsche, de maneira até mesmo fisiológica, ao primeiro contato com Schopenhauer compõem o elo entre estes dois seres, uma comunicação íntima, e que sobrevive desde o primeiro contato. Nietzsche os resume da seguinte maneira:

Ele é honesto porque fala e escreve por si e para si mesmo; sereno porque venceu pelo pensamento o que há de mais difícil, e constante porque assim deve ser. Sua força cresce reta e ligeira como uma chama no ar tranquilo, certa de si, sem tremer, sem inquietude. Em cada uma dessas qualidades, ele encontra seu caminho sem que inclusive notemos que ele o tenha procurado; pelo contrário, como movido por uma lei da gravidade, ele aí se lança, firme e ágil, inexorável. (UB/CoEx – III § 2, p.175).

De nada adiantaria, no entanto, esse estilo tão cativante, se ele não se refletisse na vida real do filósofo, na atitude de uma vida filosófica. Nietzsche admirava a forma como os ensinamentos eram dados pelos filósofos gregos, ou seja, pelo exemplo real, através da forma de se vestir, de se alimentar, pelos costumes e até mesmo pela expressão do rosto, o que não acontecia certamente na Alemanha. Nietzsche sempre se mostrou um feroz crítico da atividade filosófica como uma pura abstração, dissociada da vida. Referindo-se a seu país ele afirma: “aqui, os corpos não se libertam senão muito

lentamente, quando já os espíritos parecem desde há muito libertados” (UB/CoEx - III § 3, p.176). É, no entanto, ilusório acreditar que um espírito pode se libertar antes e independentemente do corpo. Se essa liberdade e essa autonomia não se manifestam, segundo Nietzsche, em cada passo e em cada olhar, novamente aqui se cai na ingênua abstração dos filósofos.

Kant é um exemplo perfeito desses filósofos libertos de espírito e aprisionados em corpo. Preocupou-se em salvar as aparências perante os religiosos, submeteu-se aos governantes, permaneceu a vida toda atrelado à Universidade. Para Nietzsche, portanto, não é de se espantar que “seu exemplo tenha produzido sobretudo professores de filosofia e uma filosofia de professores” (UB/CoEx - III § 3, p.176). Schopenhauer, por outro lado, afastou-se da vida acadêmica, isolou-se das relações tendenciosas e bajuladoras que o cercavam na Universidade e na sociedade, à medida em que buscava independência perante estes e perante o Estado. Este é o exemplo de força, coragem e veracidade de Schopenhauer, o que certamente lhe acarretou sofrimento, perigos e dores. E se formos, por acaso, por causa disso questionados sobre o real valor de seu exemplo, poderemos responder como Nietzsche:

Que Schopenhauer pudesse ser um modelo, isto permanece verdadeiro, apesar de todas essas cicatrizes e de todos esses defeitos. Poder-se-ia mesmo dizer que o que havia de mais imperfeito e de demasiado humano no seu ser é precisamente o que mais nos aproxima dele, no sentido mais humano da palavra, pois o vemos então como um sofredor e como um companheiro de sofrimento, e não mais somente imerso na elevação desdenhosa do gênio. (UB/CoEx – III § 3, p.186).

### **Três modelos de homem: Rousseau, Goethe e Schopenhauer.**

Nietzsche disse sobre o seu século: “vivemos o período dos átomos, do caos atômico” (UB/CoEx – III § 4, p.195). Isso quer dizer que se na Idade Média a Igreja mantinha sob controle as forças antagônicas, com o advento da Reforma, o avanço das ciências particulares, o fortalecimento dos proprietários e militares; os homens entraram desenfreadamente em conflito uns com os outros, fazendo transparecer toda sua covardia, seu egoísmo, em suma, sua animalidade. No entanto, ainda havia naquele século, três modelos em que os homens puderam se apoiar e tirar deles as forças

necessárias para enfrentar suas lutas e também transformar totalmente suas vidas, foram eles: Rousseau, Goethe e Schopenhauer.

O homem de Rousseau é, sem dúvida, o mais popular entre os três e também o que é capaz de produzir o maior fogo. É ele, segundo Nietzsche, quem se esconde por trás das revoluções violentas e das revoltas socialistas. Esse homem, que pelo desprezo de si mesmo aprendeu a clamar pela natureza e pelo “homem natural”, é capaz de tomar as atitudes mais radicais e temerárias, mas também aquelas que são as mais nobres e belas. Sobre ele Nietzsche ainda diz:

Oprimido e quase esmagado pelas castas arrogantes, pela riqueza impiedosa, corrompido pelos padres e por uma péssima educação, humilhado diante de si mesmo por costumes ridículos, o homem na sua angústia invoca a “natureza sagrada” e comprova de repente que ela está tão longe dele quanto qualquer outro deus epicurista. (UB/CoEx – III § 4, p.197).

Nietzsche nunca escondeu sua admiração por Goethe, sua influência transparece ao longo de toda sua vida e obra. O homem de Goethe é o inverso do homem de Rousseau, apesar de Goethe ter sido influenciado por Rousseau em juventude, Nietzsche chega mesmo a dizer que ele é o “corretivo, o sedativo destas emoções perigosas às quais o homem de Rousseau está preso” (UB/CoEx - III § 4, p.197). O homem de Goethe é contemplativo por excelência, é um viajante, um espectador do mundo, se alimenta de tudo que é belo e grandiosos sobre a Terra. Sobretudo, ele é o contrário do homem de ação “o homem de Goethe se separa do homem de Rousseau; pois ele odeia toda violência, todo salto brusco – quer dizer: toda ação” (UB/CoEx - III 4, p.198). Portanto, o homem de Goethe, de natureza aristocrática, é contrário a toda grande mudança, é conservador e conciliador, tem pouca habilidade para cargos públicos e vida política, além do que, possui pouco vigor físico.

O homem de Schopenhauer é mais próximo ao homem de Goethe do que daquele de Rousseau, mas possui uma capacidade que falta a este último, a de se irritar com o mundo. Ao contrário das correntes otimistas que reinavam na época, ele admite a vida como dor e sofrimento e acredita que somente através da negação de si poderá alcançar um objetivo mais elevado: “o homem de Schopenhauer assume para si o sofrimento voluntário da veracidade, e este sofrimento lhe serve para mortificar sua

vontade pessoal e para preparar a subversão, a total transformação do seu ser, alvo que constitui o objetivo e o sentido verdadeiros da vida” (UB/CoEx - III § 4, p.199).

Os homens modernos, que buscam conservar acima de tudo sua mediocridade, rejeitam e ridicularizam essa ferocidade na busca pela verdade, sobretudo eles se acostumaram a rejeitar toda a negação. Mas o que há nessa negação de Schopenhauer, para Nietzsche, é justamente uma aspiração à salvação e à santificação, ou seja, a busca por um sentido metafísico para a vida e para sua atividade: “toda existência que pode ser negada merece também ser negada; e ser verídico significa crer numa existência que não poderia absolutamente ser negada, crer numa existência que é ela própria verdadeira e sem mentira” (UB/CoEx - III § 4, p.200). Portanto, essa atividade, destinada à realização de algo distinto e superior pode mesmo ser entendida num sentido afirmativo, mesmo que por todos os lados ela só encontre um enorme sofrimento, também o sofrimento aqui perderá sua conotação unicamente negativa, já que ele é também uma forte ferramenta para chegar à perfeição:

Assim, devo pensar que aquele que põe diante de sua alma uma tal orientação de vida sente seu coração desabrochar e nascer nele um desejo ardente de ser este homem schopenhaueriano: quer dizer, ser puro para consigo e para com seu bem pessoal, de uma serenidade admirável no que diz respeito ao conhecimento, ser cheio de um fogo forte e devorador e estar bem longe da neutralidade fria e desprezível do pretensioso homem de ciência, muito acima de uma contemplação tristonha e desagradável, oferecendo-se sempre ele próprio como a primeira vítima da verdade reconhecida e penetrada, no mais profundo da consciência, pelos sofrimentos que nascerão necessariamente de sua autenticidade. (UB/CoEx – III § 4, p.200-1).

A trilha que Schopenhauer propõe é cheia de obstáculos e dores, mas ela também promete uma vitória, a vida heroica. Já que a felicidade é certamente algo impossível de se alcançar na Terra, o que resta é viver sua vida com heroísmo. Por não se acovardar perante o mundo, aos homens e às Instituições, o homem schopenhaueriano enfrentará o ódio, a injustiça, mas sobretudo a solidão; sua postura permanece, no entanto, a de um herói invencível. Talvez, no futuro, construam uma estátua sua e celebrem sua memória, ele sabe, entretanto, como é estúpida a percepção dos pequenos sobre ele. Os homens pequenos, ao admirar os grandes homens, atribuem sua superioridade a um impulso ou talento inato, ele sabe, entretanto, o quanto teve que

forjar em si mesmo essa dor e o caminho mais árduo, fugir da comodidade da vida comum. O seu heroísmo consiste justamente em fugir desse jogo das relações comuns, enquanto todos se preocupam em se tornar bons cidadãos, maridos, filhos, funcionários, eruditos, o homem schopenhaueriano é centrado em si mesmo e se preocupa com as questões referentes à sua existência, “como me tornei o que sou?”, por exemplo. Para Nietzsche, portanto:

Aquele que não compreende sua vida senão como um ponto no desenvolvimento de uma espécie, ou de um Estado ou de uma ciência, e quer portanto integrar-se plenamente na história do devir, por conseguinte na história e nada mais, este não entende a lição que a existência lhe dá e deve aprendê-la novamente. (UB/CoEx – III § 4, p.203).

Quando o homem heroico procura o conhecimento, ele não o faz como o homem de Goethe, que buscava sua preservação e sua satisfação, ele, pelo contrário, se oferece como vítima e sacrifício, sua vida é o seu experimento, sem se preocupar com sua felicidade, sua paz ou até seu bem-estar, e ele está disposto a levar seu experimento até as últimas consequências: “sua força reside no esquecimento de si, e se ele pensa em si, compreende a distância que há entre ele e o seu objetivo mais elevado, e tem o sentimento de ver atrás e embaixo de si um pequeno monte miserável de escórias” (UB/CoEx - III § 4, p.203-4).

## **Os três perigos de Schopenhauer.**

O primeiro perigo ao qual Schopenhauer esteve exposto, já citado aqui em alguns pontos, mas agora aprofundado, é o isolamento. Já conhecemos com que desprezo a dita cultura alemã tratou seus gênios, e Schopenhauer, não obstante, precisou lutar a vida inteira contra a indiferença a que seus contemporâneos lhe relegaram<sup>177</sup>. Da

---

<sup>177</sup> O gênio está, de certa forma, então, “condenado” à posteridade. Sobre isso Schopenhauer diz “[...] esse desenrolar das coisas relaciona-se com o fato de que, quanto mais alguém pertence à posteridade, ou seja, à humanidade geral e inteira, tanto mais estranho será à sua época, pois o que ele produz não é especialmente dedicado a ela como tal, mas só na medida em que a mesma é uma parte da humanidade; logo, suas obras não são tingidas com a cor local do seu tempo; todavia, em consequência disso, pode acontecer de tal indivíduo passar facilmente como um estranho por sua época. Esta prefere apreciar aqueles que tratam os assuntos do seu dia-a-dia ou que servem ao humor do momento, portanto, os fatos que pertencem integralmente a ela, que com ela vivem e com ela morrem. Por isso, a história da arte e da literatura ensina geralmente que as mais elevadas realizações do espírito humano, via de regra, foram

questão financeira, que prejudicou consideravelmente desde a impressão de seus livros, até a falta de um seguidor digno, Schopenhauer teve que lidar com o enorme silêncio em sua volta, sem perder com isso a estima que tinha de si mesmo e de sua obra. O que, no entanto, não se deu sem uma grande aflição: “o perigo que ameaçava ver sua grande empresa cair no vazio, pelo simples efeito da indiferença com que se olhava para ele, o lançou numa inquietude terrível, difícil de dominar; nenhum seguidor notável apareceu”. (UB/CoEx – III § 3, p.179). Schopenhauer foi realmente um homem solitário, sua busca por notoriedade não obteve resultado. Não teve, de fato, nenhum amigo sequer: “assim, quantas vezes, frequentemente desenganado na sua afanosa procura de homens totalmente confiáveis e compassivos, precisou ele se voltar, com um olhar melancólico, para seu fiel cão” (UB/CoEx - III § 3, p.179). No entanto, o homem solitário, o filósofo solitário em particular, sempre esteve muito longe de provocar somente a indiferença de seus semelhantes:

Em todo lugar onde houve poderosas sociedades, governos, religiões, opiniões públicas, em suma, em todo lugar onde houve tirania, execrou-se o filósofo solitário, pois a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhum tirano pode penetrar, a caverna da interioridade, o labirinto do coração: e isto deixa enfurecidos os tiranos. (UB/CoEx – III § 3, p.180).

Quando esses homens buscam uma vida exterior ou uma vida social, também como um remédio, acabam por adentrar em inúmeras relações incômodas com os outros homens<sup>178</sup>, em que se é exigido deles posturas e opiniões desnecessárias e inconvenientes, se forma também sobre eles uma quantidade incontável de mal-entendidos, opiniões falsas e interpretações incorretas, o que agrava ainda mais suas melancolias, pois “estas naturezas odeiam, mais do que a morte, o fato de a aparência

---

acolhidas com desfavor e assim permaneceram até que os espíritos de tipo mais elevado fossem por elas atraídos, reconhecessem seu mérito e lhes conferissem prestígio, que elas conservaram com a autoridade assim obtida”. (SCHOPENHAUER, 2009, p.120).

<sup>178</sup> Para Schopenhauer, quanto mais sábio, mais distante da vida social um homem procurará se manter “[...] o homem inteligente aspirará, antes de tudo, à ausência de dor, à serenidade, ao sossego e ao ócio, logo procurará uma vida tranquila, modesta e o menos conflituosa possível; por conseguinte, após travar algum conhecimento com aqueles que chamamos de homens, escolherá o retiro e, no caso de um grande espírito, até a solidão. Pois, quanto mais alguém, tem em si mesmo, menos precisa do mundo exterior e menos também os outros podem lhe ser úteis. Por isso, a eminência do espírito conduz à insociabilidade. Sim, se a qualidade da sociedade pudesse ser substituída pela quantidade, valeria a pena viver até no grande mundo, mas infelizmente com néscios empilhados não dão um único homem razoável”. (SCHOPENHAUER, 2009, p.26).

ser necessária” (UB/CoEx - III § 3, p.180). Para Nietzsche, esses homens solitários são também os que mais têm necessidade de amor, companheiros e amigos, e quando isso é tirado deles eles são mesmo capazes de atitudes ainda mais dramáticas.

O segundo perigo é peculiar àqueles homens que sofreram forte influência da filosofia kantiana, o seu nome é “desespero da verdade”. Segundo Nietzsche, somente aqueles de natureza nobre e capazes realmente de sentir e sofrer profundamente foram afetados por esta influência de Kant, portanto, um número consideravelmente reduzido de homens. Para Nietzsche, a filosofia kantiana minou qualquer possibilidade de certeza, deixando somente o ceticismo e o relativismo como condição de conhecimento:

Mas logo que Kant começou a exercer sua influência popular, vamos observá-la sob a forma de um ceticismo e um relativismo corrosivos e destruidores; e foi unicamente nos espíritos mais nobres, aqueles que jamais suportaram permanecer na dúvida, que surgiu no seu lugar esta subversão, este desespero com relação a qualquer verdade, tal como, por exemplo, foi vivido por Heirinch von Kleist<sup>179</sup>, como efeito da filosofia kantiana. (UB/CoEx – III § 3, p.182).

Podemos imaginar que Schopenhauer deva ter passado por algo semelhante. No entanto, Schopenhauer significou um ponto de virada da filosofia kantiana. Para Nietzsche “ele é o guia que conduz das cavernas da melancolia cética ou da renúncia crítica para as alturas da contemplação trágica [...]” (UB/CoEx - III § 3, p.182). Essa contemplação trágica consiste, para Nietzsche, em passar (ou voltar) a interpretar a vida como uma totalidade, o que se tornou praticamente impossível com a fragmentação das ciências, quando se passou a desprezar a ideia de totalidade, essencial e reguladora para as ciências particulares:

Pode-se mesmo dizer que unicamente aquele que firmemente

---

<sup>179</sup> Heirich von Kleist (1777 – 1811), poeta e dramaturgo alemão. “Profundamente desiludido consigo mesmo e com a evolução dos acontecimentos políticos, amargurado pela incompreensão dos contemporâneos e dos próprios familiares, decidiu suicidar-se juntamente com Henriette Vogel, sua amiga íntima atacada de doença incurável”. (DIAS, 1991, p.110). Foi também profundamente abalado pela ideia da impossibilidade de se chegar à verdade. Em uma carta, Kleist chega mesmo a confessar: “Há pouco estabeleci contato com a filosofia de Kant, e é preciso agora te comunicar um pensamento extraído dela [...] não podemos resolver se o que chamamos de verdade é realmente a verdade, ou se unicamente assim nos parece[...] se a ponta deste pensamento não toca o teu coração, não te rias, porém, de alguém que aí se sente abençoado o mais profundamente, no íntimo mais sagrado. Meu objetivo único, meu objetivo supremo afundou e eu não tenho nenhum outro”. (UB/CoEx – III § 3, p.182).

envolveu com o olhar o quadro geral da vida e da existência se servirá das ciências particulares sem se prejudicar, pois sem esta imagem reguladora de conjunto, elas são apenas fios que, no final, não levam a lugar nenhum e tornam o curso da nossa vida ainda mais confuso e mais labiríntico. (UB/CoEx III § 3, p.183).

Schopenhauer soube perseguir essa imagem sem se deixar contaminar pelo que Nietzsche chamou de “escolástica conceitual”, o que acontecia comumente entre os filósofos dialéticos. Estes, a quem Nietzsche também se refere como “meio-filósofos”, ao se preocuparem em discutir em tudo os prós e os contras, em duvidar e encontrar contradições, afastam-se da filosofia, de uma filosofia da totalidade que, segundo Nietzsche, possui esta exigência: “esta é imagem de toda vida, extrai daí o sentido da tua, e inversamente: decifra unicamente a tua vida e tu compreenderás os hieróglifos da vida universal” (UB/CoEx - III § 3, p.183). É assim, portanto, que funciona a filosofia de Schopenhauer, uma filosofia do indivíduo para consigo, num primeiro instante, mas que, através do conhecimento de si, da negação de si e da submissão a um objetivo superior, este mesmo indivíduo pode conquistar a posição de corrigir a natureza: “no início, no primeiro instante, certamente, somente para si: mas através de si, no fim, para todos” (UB/CoEx - III § 3, p.184).

O terceiro perigo é para Nietzsche o mais notável, já que habitava o mais íntimo ser de Schopenhauer: a aspiração à santidade. Esse é o perigo que espreita todo homem que se deparou com seus limites, seja do seu conhecimento, seja do seu desejo moral “e, assim também, do fundo do sentimento do seu pecado, ele aspira à santidade, leva consigo, enquanto ser intelectual, uma aspiração profunda pela genialidade” (UB/CoEx - III § 3 p.184). É assim, portanto, que a natureza de Schopenhauer abrigava essa perigosa dualidade, a nostalgia de renascer como santo e como gênio:

Poucos pensadores sentiram em si, a este ponto e com esta incomparável precisão, o pulsar do gênio; e seu gênio lhe fazia a mais elevada promessa: que não havia sulco mais profundo do que aquele que seu arado cortava no solo da humanidade moderna. Assim, ele sabia que tinha uma parte do seu ser satisfeita e cumprida, sem desejo, certa da força que possuía – assim, consciente de ser uma realização vencedora, carregava sua vocação com grandeza e dignidade. Uma nostalgia impetuosa vivia na outra metade do seu ser. (UB/CoEx – III § 3, p.185).

Pois, é justamente por ver mais longe, por ver de mais alto, por não encontrar em toda a humanidade nenhum par, que o gênio aspira à santidade, é então que ele deseja a negação e a aniquilação de si mesmo e de sua vontade, aí já nem mesmo seu objetivo mais nobre deveria ser perseguido, ele vive agora em estado de “unicidade do ser”, aquele “[...] onde o conhecimento e o ser se reconciliam, lá onde dominam a paz e a negação do querer, e até esta outra margem da qual falam os hindus” (UB/CoEx - III § 3, p.185). Schopenhauer, no entanto, não se deixou sucumbir (não sem muitas cicatrizes, naturalmente) a este perigo: “qual não deveria ser a unidade inconcebível e indestrutível da natureza de Schopenhauer, para não ser, nem rompida, nem esterilizada por esta nostalgia!” (UB/CoEx - III § 3, p.185). O terceiro perigo, portanto:

É o endurecimento moral e intelectual; o homem destrói o liame que o prendia a seu ideal; neste ou naquele domínio, ele deixa de ser fecundo, de procriar e, no que se refere à cultura, ele se torna nocivo e inútil. A unicidade do seu ser se tornou um átomo indivisível, incomunicável, uma pedra congelada. E é assim que se pode enfraquecer, por causa desta unicidade ou por medo dela, enfraquecer o próprio eu ou abandonar-se à autorrenúncia, enfraquecer por causa da nostalgia e do endurecimento: pois viver em geral é estar em perigo. (UB/CoEx – III § 3, p.187).

## **Schopenhauer, educador contra o tempo.**

Estes perigos que tratamos no tópico anterior, Nietzsche faz questão de ressaltar que são aqueles aos quais Schopenhauer teria sido exposto tivesse vivido em qualquer lugar e em qualquer época. Há, no entanto, outros perigos que são peculiares da época em que Schopenhauer viveu “[...] e esta distinção entre perigos constitutivos e perigos da época é essencial para compreender o que há de exemplar e educador na natureza de Schopenhauer” (UB/CoEx – III § 3, p.187).

Para o filósofo, que tem como papel julgar a medida e o valor de todas as coisas, é de fato angustiante perceber o mundo ao redor como um infinito mar de estupidez e mediocridade. É preciso, então, ocupar-se com os povos antigos, em busca de um valor que falta à época atual. É possível neste encontro, sair vencedor sobre seu tempo, transfigurando seu próprio entendimento do mundo e da vida, como quem escreve por cima de uma folha velha uma outra história mais bonita:

Ora, todo o presente se impõe com impertinência, age e determina o olhar, mesmo que o filósofo não o queira; e, no cálculo de conjunto, ele se encontrará involuntariamente estimado muito alto. Na medida em que o filósofo deve exatamente avaliar sua época por comparação com as outras e, vencendo ele mesmo o presente, deve também vencê-lo na imagem que tem da vida, quer dizer, torná-la imperceptível e de algum modo garatujar sobre ela. Esta é uma tarefa muito difícil, mas possível. (UB/CoEx – III § 3, p.188).

Os filósofos gregos, para Nietzsche, faziam um julgamento sobre a existência de uma forma mais perfeita do que os modernos, pois a própria vida se apresentava a eles de uma forma mais perfeita. Não havia neles o conflito entre o instinto de verdade, o desejo de liberdade e a busca pela beleza. Para Nietzsche: “[...] um pensador moderno sofrerá sempre de um desejo insaciável: ele exigirá que se lhes mostre primeiro a vida, uma vida verdadeira, corada, sadia, para que então pudesse, a respeito dela, pronunciar-se como juiz” (UB/CoEx - III § 3, p.189). É então que surge nele um conflito interno, entre o reformador da vida e o juiz dela. O filósofo moderno quer, antes de ser um juiz da vida, transformá-la, transfigurá-la, enquanto que o juiz da vida emite sua sentença com tudo o que ela tem de mais belo, mas também de mais terrível.

Para Nietzsche, é preciso se desvencilhar do presente como de um parasita em nosso corpo, rompendo o processo que nos identifica com ele, seus costumes e suas ideias, em outras palavras, que nos torna rebanho. Aquele que entende que todo homem é um filho legítimo de seu tempo, pode ver como absurdo o combate travado entre um homem e seu tempo, como sendo um combate contra si mesmo, no entanto:

Isto é somente na aparência, pois, no seu tempo, ele combate o que o impede de ser grande, o que para ele só pode exatamente significar: ser livre e totalmente si mesmo. Segue-se que sua hostilidade é no fundo dirigida contra o que está nele próprio, certamente, mas não é verdadeiramente ele próprio, dirigida contra essa mistura impura e confusa de elementos incompatíveis para sempre inconciliáveis, contra a falsa união do atual com seu próprio caráter intempestivo; e no fim, revela-se que o pretense filho de seu tempo é somente um bastardo. (UB/CoEx – III § 3, p.189).

Schopenhauer soube, segundo Nietzsche, se livrar dessa hóspede indesejada, essa “falsa mãe”, purificando-se e encontrando a saúde que era de sua natureza. Não se deve espantar, portanto, se aquele que segue a filosofia de Schopenhauer, enxerga no

que é atual, somente um sintoma de tudo o que doente, medíocre e desprezível. A luta contra o seu tempo é então, no fim das contas, uma luta para encontrar a si mesmo “a nostalgia de uma natureza forte, de uma humanidade simples e sã, era nele uma nostalgia de si mesmo” (UB/CoEx - III § 3, p.190). Larrosa identifica nessa passagem que segue aquela famosa fórmula de Píndaro “como se chega a ser o que se é”<sup>180</sup>, muitas vezes revisitada por Nietzsche como “torna-te o que tu és”, ou mesmo “como se chega a ser o que se é” (*Ecce Homo*).

A formação só poderá realizar-se intempestivamente, contra o presente, inclusive contra esse eu constituído, cujas necessidades, desejos, ideias e ações não são outra coisa que o correlato de uma época indigente. A luta contra o presente é também, e sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para “chegar a ser o que se é” há que combater o que já se é. (LARROSA, 2002, p.61).

Portanto, é somente ao vencer a luta contra o seu tempo, contra tudo o que nele nos impede de ser grandes, que se torna possível alcançar “o que realmente se é”, perceber em si o gênio, como fez Schopenhauer: “e já que tinha vencido o tempo em si próprio, lhe foi preciso também, com um olho admirado, perceber em si o gênio” (UB/CoEx - III § 3, p.190). É também a partir de então, que o filósofo, quando se coloca a tarefa de julgar toda a existência, fá-lo com a serenidade de saber que não é realmente necessário sucumbir à hipocrisia de uma época sem valor, pois agora ele conhece muito bem que objetivos ele deve alcançar, objetivos de mais valor, nobreza, enfim, objetivos bem superiores: “ele sabia bem que há nesta terra, para buscar e alcançar, coisas mais elevadas e mais puras do que uma tal vida de conformidade à época, e sabia também que aquele que só conhece e avalia a existência segundo esta forma detestável, este lhe fazia cruelmente mal” (UB/CoEx - III § 3, p.190).

## Considerações finais

A aproximação entre Nietzsche e Schopenhauer se deu, como vimos, a partir da influência do estilo schopenhaueriano sobre Nietzsche, e como este estilo tem em sua

---

<sup>180</sup> Ainda em Larrosa: “‘como chegar a ser o que se é’ ou, ‘como se vem a ser o que se é’. Essa frase, como se sabe, traduz um lema das *Odes Píticas* de Píndaro, esse imperativo que poderíamos reescrever como ‘converte-te no que és!’ Ou, ‘transforma-te no que és!’” (LARROSA, 2002, p.47).

honestidade, serenidade e constância suas mais preciosas características. Além de Schopenhauer, no entanto, haviam ainda dois outros modelos em que os homens puderam se apoiar: Rousseau e Goethe. Rousseau o de maior apelo entre as massas, Goethe o aristocrata contemplativo e, por fim, Schopenhauer com seu pessimismo e sua visão trágica do mundo, da qual toda verdadeira cultura nasce. Schopenhauer foi acometido, porém, por inúmeros perigos ao longo de sua vida, o isolamento; o “desespero da verdade”, fruto da influência da filosofia kantiana e a aspiração à santidade foram os perigos ao quais Schopenhauer estaria exposto tivesse ele vivido em qualquer época. Há ainda os perigos e combates a se travar com toda a estupidez e a mediocridade de seu próprio tempo. Lutar contra seu tempo é também lutar contra si mesmo, contra tudo o que impede de ser grande, contra tudo o que impede de “tornar-se o que se é”. Somente depois de vencer o tempo em si, é que se pode perceber em si o gênio. Para Nietzsche, portanto, somente o gênio que é, segundo ele, o “fruto supremo da vida”, esse homem “magnífico e criador”, pode justificar a existência em sua totalidade.

## Referências:

- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Ed. Scipione. 1991.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Schopenhauer Educador*. In: *Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro: PUC – Rio ; São Paulo : Ed. Loyola, 2011.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos Para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barbosa: revisão da tradução Karina Janini. 3°. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola, Márcio Suzuki. – 2° ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.